

Laura Spivak. Argentina.

Obras 2006-2010.

El eco de sus risas (O eco de seus risos).

Galeria Braga Menéndez. Buenos Aires, Argentina. 2010.



El eco de sus risas (O eco de seus risos). 2010.

O Branco do olho

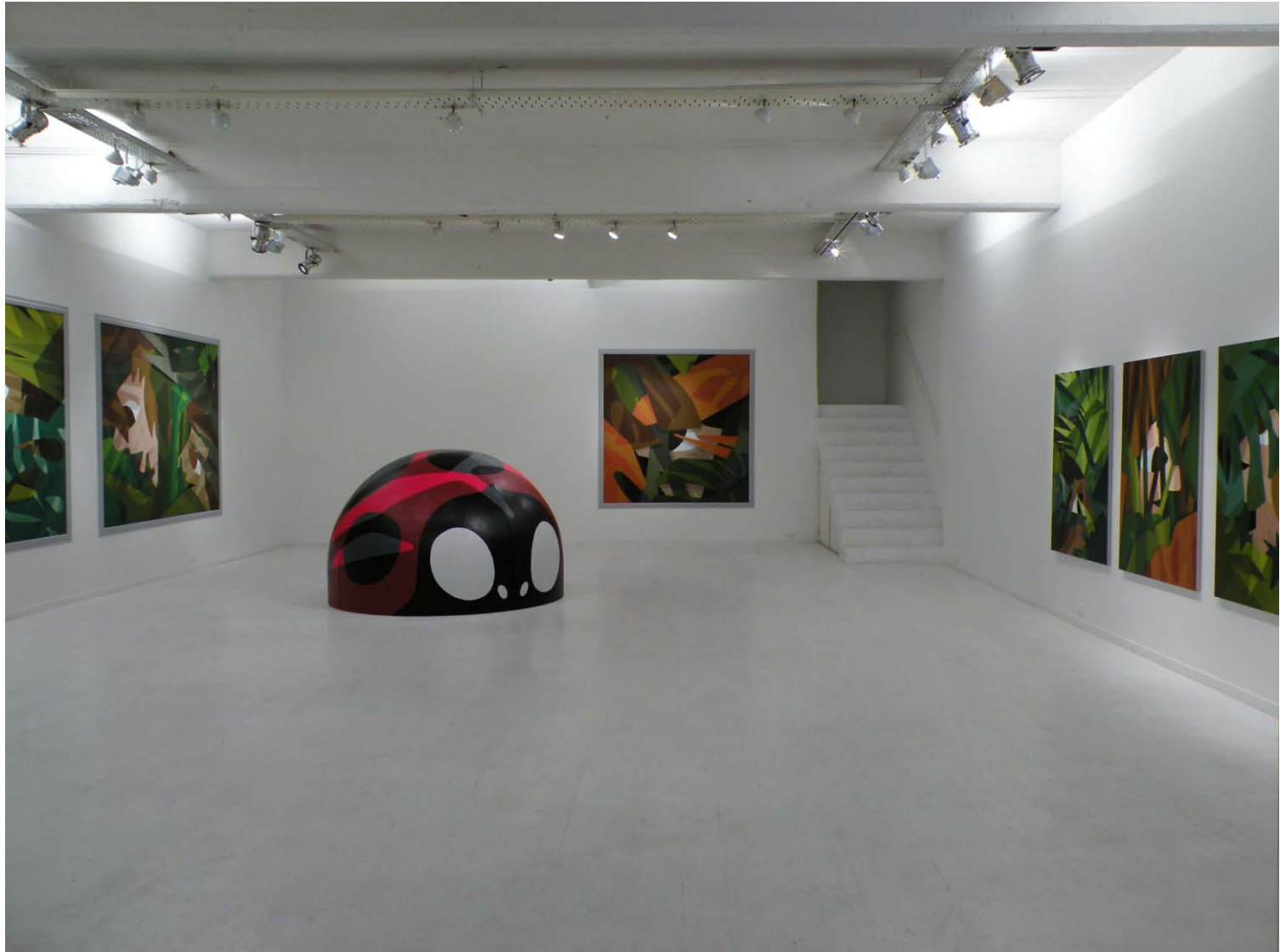
Liberdade é sinônimo de franqueza, espontaneidade, familiaridade, sinceridade, confiança, simplicidade. Relacionar a arte com esse termo não parece fazer parte da agenda de debate da arte contemporânea. Há temas mais habituais e urgentes: mercado, galerias e feiras; bienais e museus; bolsas, residências e concursos; coleções e colecionismo, etc. Porém, quiçá a gente tenha que repensar na liberdade e na sua relação com a arte, e com a vida. Se o mundo se nos oferece como impossibilidade, luta, obstáculo, então a liberdade é um valor que por assumido e óbvio, não deve se subestimar.

Encarar um projeto novo é também revisar o prévio. Voltar a olhar pode se transformar num maravilhoso mundo por descobrir. Porque ajuda a entender o que é difícil de explicar e a reconhecer aquilo que permanece. Olhando com perspectiva meus trabalhos anteriores, mostrar pênis, tetas e ereções foi uma manobra de preservação. Foi delimitar um espaço próprio até instaurá-lo como um paradigma do politicamente incorreto. Um espaço dentro do qual, por prévio aviso, por transgressor, tudo foi possível. Onde a busca da felicidade, do prazer não teve limites nem inibições. Utópico, mas material. Portanto, real.

Com o correr do tempo aqueles personagens que transitavam alegremente por jardins de borboletas começaram a mudar mas mantendo as suas idéias, suas bandeiras. Procuraram novas estratégias, tão conectadas com o desejo como antes, mas com a experiência do caminho transitado. Agora se deslizam na espesura da selva. Cautelosos, camuflados, estão dispostos a ser vistos, mas não se expõem nem mostram sua nudez. Eles têm consciência de que não é necessário gritar para ser escutados, e do fácil que é perder o ganhado. Seguem desfrutando de si mesmos, mas esta vez tentando achar um espaço amigável, receptivo. Uma nova utopia que os justifica.

Para esses personagens a natureza é um refúgio, contundente mas escondido, feito de formas, matizes e cores que atravessam os sentidos. Nela a luz se revela e desorienta. Uma bagunça de sombras confunde realidade e fantasia. O limite sempre é difuso, leve. Porque a vida se apresenta confusa, está feita da mistura de luzes e sombras em partes iguais, de mobilidade e adaptação. E de pequenas decisões que devem ser claras para estar a favor da liberdade.

Laura Spivak.



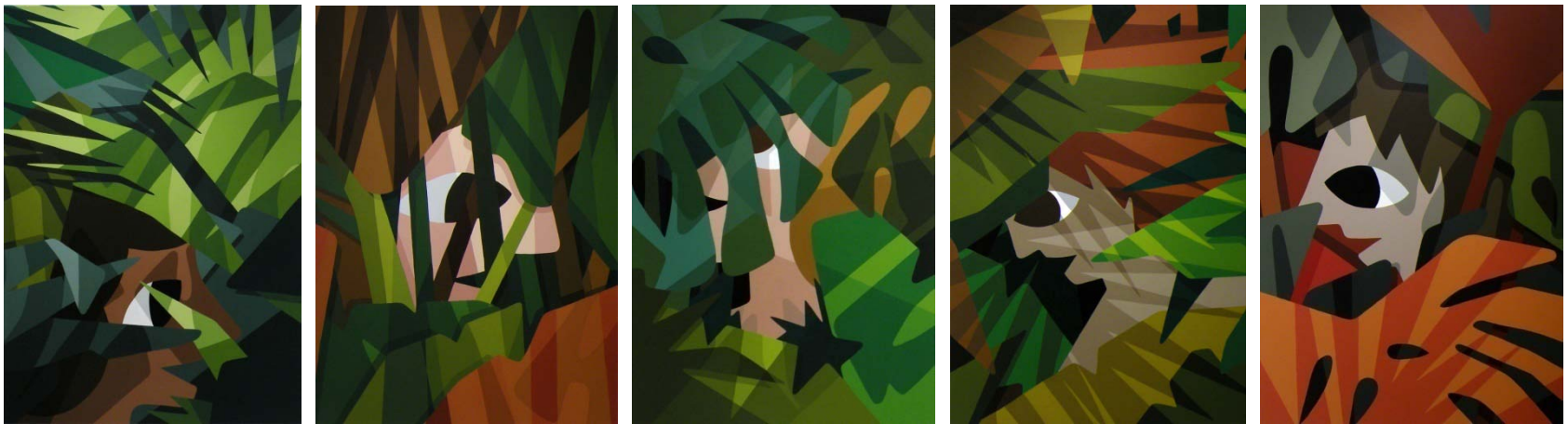
El eco de sus risas (O eco de seus risos). 2010.



El eco de sus risas (O eco de seus risos). 2010.



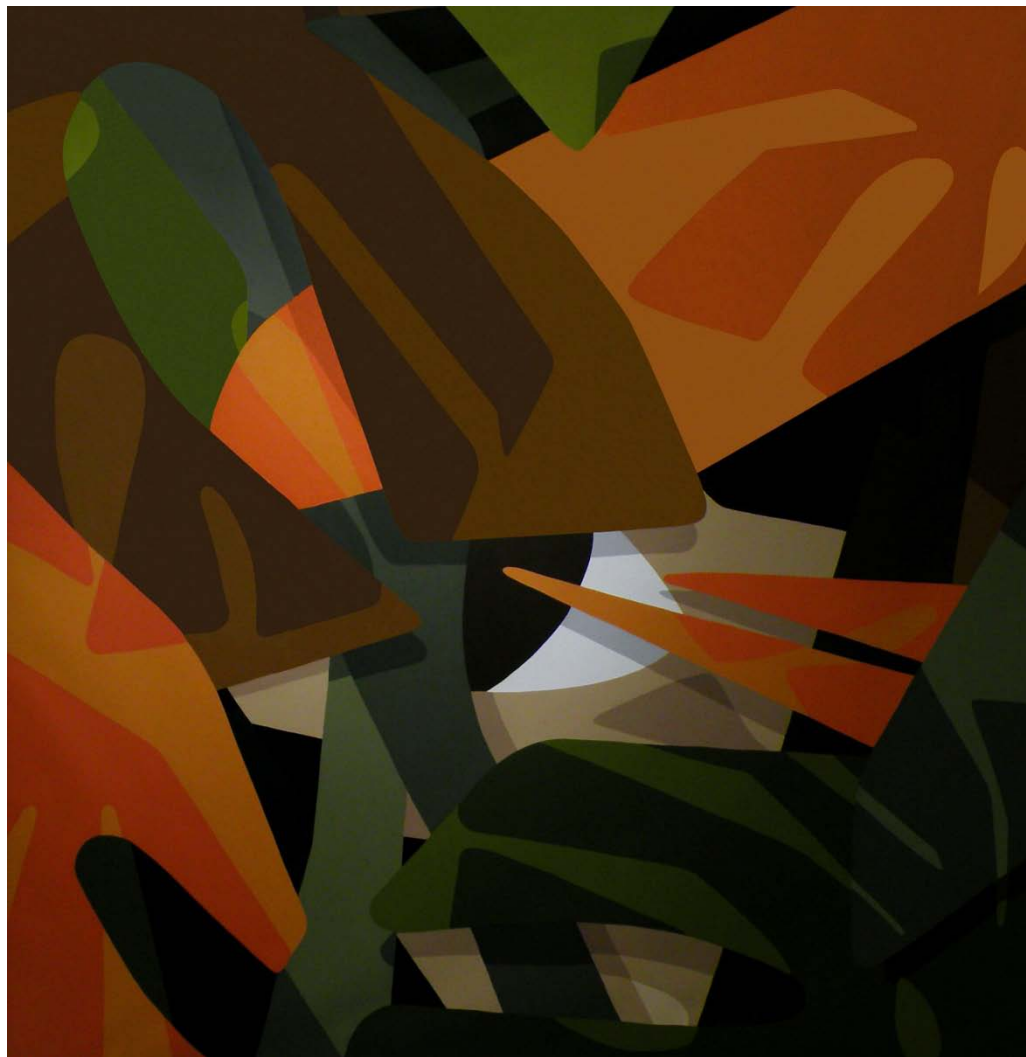
El eco de sus risas (O eco de seus risos). 2010.



Série El eco de sus risas (O eco de seus risos).
Acrílica sobre papel. Marouflage.
100 x 140 cm. c/u.
2010.



Série El eco de sus risas (O eco de seus risos).
Acrílica sobre tela.
200 x 250 cm. c/u.
2010.



Da série El eco de sus risas.
(O eco de seus risos)
Acrílica sobre tela. 200 x 200 cm.
2010.

Si me dieran a elegir preferiría ser gigante.

(Se me dessem a escolher preferiria ser gigante)

Galeria Braga Menéndez. Buenos Aires, Argentina. 2008.

A árvore, a boca de maçã e o pênis.

A obra de Laura é paradigmaticamente tão politicamente incorreta, tão imprescindivelmente transgressora, que à hora de apresentá-la, de vesti-la muitos fizeram o mesmo que com outros artistas sérios: comprar um marco teórico sobreatuadamente politicamente incorreto. Supondo que o transgressor de Spivak é a visibilidade do sexo se lançam a adjetivar desde um *cliché* forçado: a recorrência do morbo, recorrência própria da demanda institucionalizada do contemporâneo. Então a aproximação se trepa no discurso dos garotos sexuais. Acho que a transgressão profunda do discurso de Spivak é outra, e aclaro que se eu sentisse que sua obra fosse o que a obviedade dessa leitura permite suspeitar, não me interessaria. Passo a compartilhar porque eu gosto tanto do universo de Laura Spivak e me permito posicionar meu texto na “anti teoria dos garotos sexuais” na medida que ela mesma me habilitou.

Os personagens de Laura não são meninos. Ou, em todo caso, são tão meninos como pode sê-lo qualquer de nós conectado com as representações simples de nossos desejos e primeiras expectativas antes de sentir o mundo como uma impossibilidade, antes de sentir que a vida vai te matando. Há um momento feliz de curiosa imortalidade que mora nos olhos dos garotos e que Spivak sustenta.

O iconoclasta, o surpreendente nestas peças que ela desenha, é que são homens e mulheres, não que são meninos sexuais (isso seria morbo fácil) justamente na medida que são provavelmente adultos (com pubis peludos lindos como corações e tetas nelas, com enormes ereções neles, inegável adultez, maturidade glandular), têm no entanto a despreocupação de um garoto brincando com água nu no pátio de sua casa com a tina.

A nudez dos personagens é utópica, vital, não é sexual. É mais uma bandeira de igualdade liberdade fraternidade que a equação oposta de *fucking* jovens ou meninos engrandecidos.

Provavelmente foi no seio da fantasia que a revolução francesa propôs que a mulher começou a crer que as promessas de liberdade igualatoria a atingiriam. Três séculos de *psicopateadas* (1) políticas destroçaram muito dessa ilusão.

Hoje a gente comemora o dia da mulher como o dia da secretária. Cartazes ironizam com textos alusivos ao poder da mulher colado a imagens de prostitutas ou anjos depilados. Os homens não ficam atrás na demanda de personagem e toda a atividade sexual esta regrada pelo manual de procedimentos das películas porno onde aprendemos que se faz primeiro e quanto tempo tem que durar. Nem alegria nem jogo, robótica e lógica de mercado.

(1) Na Argentina o termo psicopatear refere às diferentes formas de abusos psicológicos.



Si me dieran a elegir preferiría ser gigante.
(Se me dessem a escolher preferiria ser gigante)
Madeira. 4 x 6 mts. 2008.



Si me dieran a elegir preferiría ser gigante.
(Se me dessem a escolher preferiria ser gigante)
Madeira. 4 x 6 mts. 2008.

Mas na paisagem simplificada onde sorriem as sexualidades de Spivak, ainda nenhum capitalismo patriarcal fez morder a maçã a ninguém. Os olhos grandes, as bocas francas, heterossexuais, desfrutam a dialética do paraíso como nossos pais tivessem desejado para nós, assim como a adulez ideal e inachável de Mafalda e Felipe na praça de Dailan Kifki.

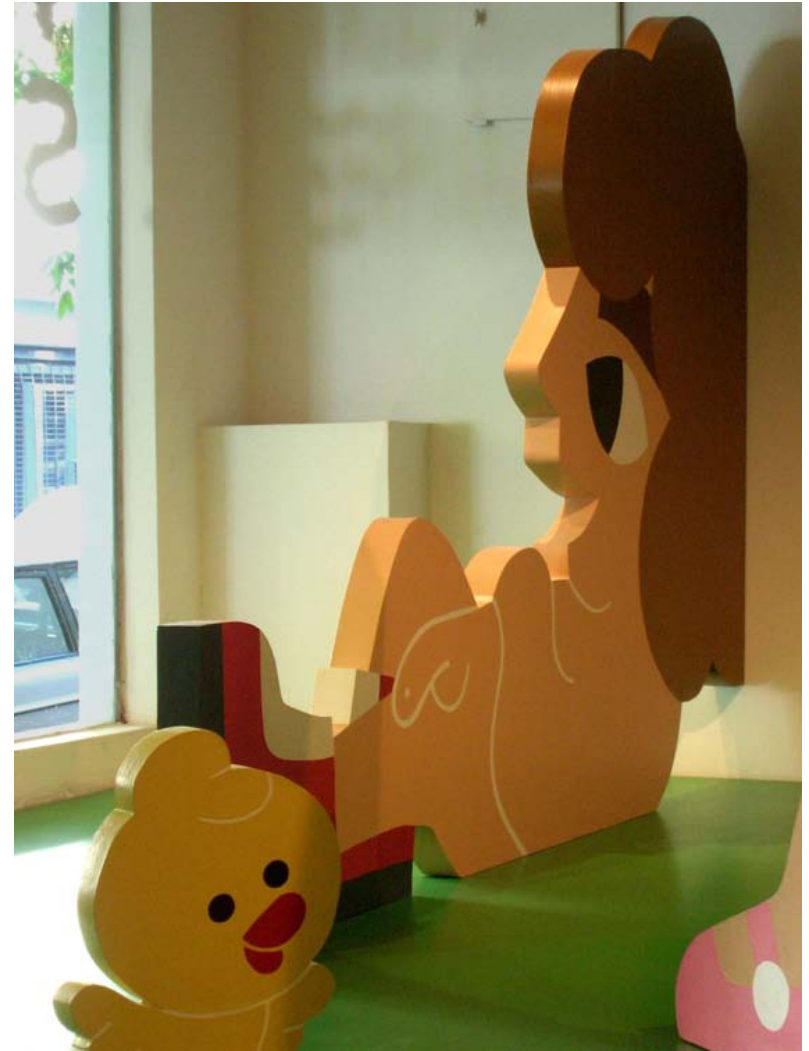
E são argentinos, estranhamente Spivak consegue que conotem essa inteligência *gauchita* que ninguém nos pôde matar, não são *Rugrats*, são portenhos, são de cá, e se percebem Cortazar, Horacio Quiroga, o humor de Fontanarrosa e a sexualidade de fogão de acampamento da esquerda extinguida.

Faz anos que não estou nua cômoda ante ninguém. Sei que quase nenhuma mulher vive sua nudez sem consciência de genitalidade, os órgãos faz tempo deixaram de estar em paridade simbólica. As cirurgias polarizam ainda mais a distância textural entre a intimidade da pele quebradiça e a pele em turgencia estática e tensão protética. As tetas das mulheres maiores trabalham socialmente enquanto os vincos dos joelhos ocultam descansados sua ternura em calças de sastrería.

Uma vez fiz uma pesquisa e não achei mulher adulta nenhuma que pudesse dizer que era capaz de correr sob a luz do meio dia até a linha do água na praia tendo a seu marido sentado detrás na cadeira de palha sem pelo menos a consciência do cataclismo de gelatinas que poderia estar fazendo aos olhos do espectador.

Esta é uma situação desconhecida para a alegria absoluta dos sujeitos de Spivak. São *premenemistas* (2), são paraposmodernos, são o que não fomos e as vezes quando ficamos sós conseguimos ser. São sem *claritos* (3). Os corpos destes adultos impossíveis dividem com os infantis o nível de coesão compacta das partes. Nem higiênica atitude pós morte nem eros noturno. Festa de íntima simplicidade. Inocente encontro e alegria de viver, movem-se, relaxam-se, atiram-se, se riem, se matam de riso, falam, contam-se coisas, e nós não importamos porra nenhuma. Como numa verdadeira história de amor. Na grama e na cozinha os amantes são amigos ou são amantes os amigos. Em qualquer caso não temem, não há paranóia, não há risco. Complexa disposição de ilustrações sintéticas sem referência textual, que neste novo formato XL aposta ao desenho como nunca antes. A textura não tenta de entrar em detalhes, como um *alfajor* (4) de chocolate que acorda nossa noção de gosto, nossa fantasia e até nosso olfato, sem cobertura nem cerejas abrilhantadas, as opacas superfícies se soldam entre si armando um compacto de cor que poderia se cortar como um pão de manteiga, como se a consistência profunda da alegria do paraíso Spivak estivesse feita molecularmente do sentido do pigmento.

(2) Menem foi o presidente argentino entre 1989 e 1999. (3) Técnica de salão de beleza utilizada para aclarar uma parte dos cabelos de uma pessoa. (4) Doce típico da Argentina.



Si me dieran a elegir preferiria ser gigante (Se me dessem a escolher preferiria ser gigante). Madeira. 4 x 6 mts. 2008.

Enanos de jardín.

(Ananos de Jardim)

Galeria Appetite. Buenos Aires, Argentina. 2007.



Enanos de jardín (Ananos de jardim).
Esculturas, televisão e animações, objetos. 6 x 8 mts.
2007.

Historicamente a conquista está ligada à apropriação, à soma e acumulação de territórios, conhecimento, adeptos. Mas, quando se trata de conquistar espaços internos, muitas vezes uma conquista se traduz em renúncias e abandonos. A conquista as vezes é ficar com menos. Despejar o prescindível para encontrar o simples que habita detrás. Faz um tempo que na obra de Laura Spivak não vemos mais epígrafes. O texto desapareceu e com ele a dimensão provocadora de suas pinturas. Esse humor instantâneo que dirigia a leitura de suas imagens deu lugar a uma atmosfera prazenteira onde já não há nada que entender, só presenciar. A graça anterior se traduziu em prazer.

Se com as suas abordagens sobre o erotismo e a sexualidade a gente podia suspeitar um discurso sobre o prazer, com esta instalação estamos mais cerca de viver essa experiência. Porque a obra retrocede uns degraus na pirâmide da linguagem visual e se aproxima aos níveis de percepção mais básicos: o volume e o movimento. Então escolhe um campo de percepção mais direto, menos intelectual que se conecta a maior velocidade com a nossa emoção. Avança um passo mais para nós ou melhor: nos convida entrar naquele jardim que até agora olhávamos através de uma janela e a provar como se sente aquilo que antes era relato. Então já não sentimos a roupa. Lemos com a pele.

As vezes adivinhar qual é o estado de ânimo que atravessa às obras é todo um desafio. Pode o artista decidí-lo? É isso que ele sente enquanto trabalha?

Imagino a Laura no jardim de sua casa com a rádio AM cuspindo sua *mantra* de domingo e sua cachorra tendida ao sol enquanto ela termina a segunda sobrelha do anão. Por momentos a rádio perde sinal e se faz o silêncio. Então é possível escutar o vento marinho que se mistura com os sonhos do canino e arrisca: "a vida é bem mais importante que a arte".

Et Basualdo



Enanos de jardín (Ananos de jardim).
Esculturas, televisão e animações, objetos. 6 x 8 mts.
2007.



Enanos de jardim (Ananos de jardim).
Esculturas, televisão e animações, objetos. 6 x 8 mts.
2007.

El jardín de las mariposas (O jardim das borboletas).

Museu de Antioquia. Medellín, Colombia. 2006.

La fuente de los deseos (A fonte dos desejos).

Galeria Agustina del Campo. Buenos Aires, Argentina. 2006.

Las malas palabras (As más palabras).

Espaço Baltar Contemporáneo. Mar del Plata, Argentina. 2005.

De sorvetes, fontes e utopia, uma versão particular do Paraíso.

A literalidade é um dos primeiros achados feitos em relação à poesia: um gesto que descobre a linguagem na sua beleza e seu absurdo. Os meninos costumam experimentar esse mecanismo de repetir muito uma palavra até que ela se converte num som estranhado, vazio de significado, extraterrestre.

Laura Spivak faz esses exercícios mas responde-se com imagens. Isso é menos frequente. E, como a donzela encerrada na sua salinha que passa a mensagem codificada num lenço, sua obra se disfarça de outra coisa, se traveste de nudez. Couros por aqui e por lá, vestimentas incompletas e breves, tanto mais absurdas ao abundar os chapéus, as botas, os bastões. Os personagens das pinturas correm contentes, os vemos de lado e sempre de perfil. Sem dúvida se trata de um palco. Só que, a diferença de um *peep-show*, esta situação de *voyeurismo* não pode ser experimentada na privacidade: nos acha olhando, querendo ou sem querer, e o segundo impulso depois da primeira olhada é pensar que alguém nos vê olhando.

Para cobrir essa nudez, a cenografia nos conforta com palmeiras, árvores com enredadeiras frondosas, pássaros humanizados, balões, mascotes e fontes frescas.

No entanto, sob essas aparências serenas há algumas tensões camufladas. As pessoas correm e brincam mas os movimentos parecem congelados. Os personagens se divertem como meninos mas são adultos (o sabemos por suas barbas, ereções, peitos). A pintura desta série quer ser plana, mas tem a pele rugosa, lotada de sinais. Mas de longe parecem gravuras. Mas de perto. Mas.

Pode que essas pequenas deslocções, que se filtram e assinalam um lugar um pouco evasivo, sejam o ponto onde se ache a erótica desta obra.



El jardín de las mariposas (O jardim das borboletas).
Acrílica sobre cartão. 60 x 80 cm. 2008.



Edilson.
Da série El jardín de las mariposas (O jardim das borboletas).
Acrílica sobre papel. 70 x 100 cm. 2006.

Mas, inegavelmente, também teve um prazer absolutamente sensorial no fazer. A pintura testemunha essa sensualidade: o pincel acaricia, a cor cobre a pele do papel, e já nem sequer ficam as palavras que ainda fixaram as primeiras imagens, as séries de pinturas baseadas em galanteios, más palavras e provérbios eróticos. Também desapareceu a agulha, esse instrumento de precisão. Tudo se engrandeceu e emudeceu.

Para uma viagem semelhante, para olhar em silêncio, requer-se de muita valentia.

Com o que se arma a donzela? Com humor. Esse é seu cavalo, sua lança e seu escudo.

(O pudor é uma máscara. Se se muda uma letra de lugar aparece o pudro. A cena começa a se descompor. Assim trabalha o humor, desarmando todo estado de solenidade, desencaixando a cara, desandando o lugar comum do estereótipo. A palavra pode ser erótica sob duas condições opostas, ambas duas excessivas: se é repetida até o cansaço ou, pelo contrário, se é inesperada, succulenta por sua novidade (...). O estereótipo é a palavra repetida fora de toda magia, de todo entusiasmo.)

Trata-se em definitiva de um modelo de hedonismo bastante esquisito de ver, no qual as dicotomias se convertem em um universo de misturas, de mestiçagens, matizes, combinações. Uma paisagem amável, de sorvetes infinitos, habitado por seres que não pedem permissão nem precisam mentir. As ações se realizam com alegria, não há pressa nem fome nem desespero. A cena se parece bastante a um Paraíso, não do tudo bíblico talvez, um pouco herege quiçá, sem dúvida onde muitos de nós gostaríamos de viver.

Leticia El Halli Obeid

^[1] BARTHES, Roland, *El placer del texto*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003. p. 68 y 69.



Luiz. Mural. 6 x 10 mts. 2007.



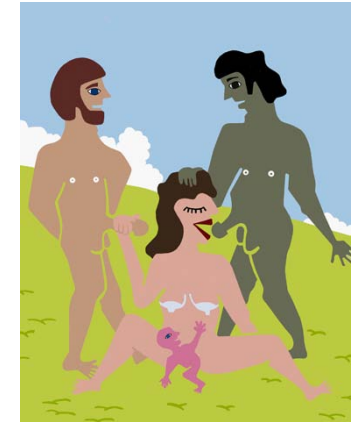
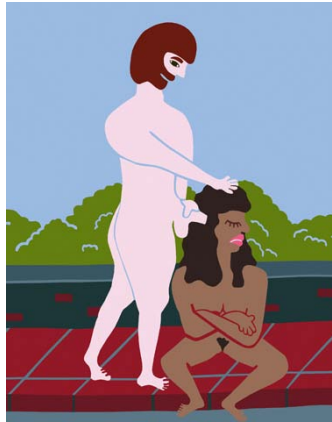
Série El jardín de las mariposas (O jardim das borboletas).
Lea, Chico, Luiz, Amaro, Antonio, Adonia, Margarida, Milton, Ida Lina, Tomás y Renata.
Acrílica sobre papel. 100 x 70 cm. c/u. 2006.



Antonio. Comic. 29,5 x 53 cm. 2007.



La fuente de los deseos (A fonte dos desejos). Acrílica sobre papel. 100 x 130 cm. c/u. 2006.



Las malas palabras (As más palabras).
Pajera, Pendejo de mierda, Malcojida, Chupame un huevo y La puta que te parió.
Acrilica sobre papel. 28 x 30 cm. c/u. 2006.

Cv. Laura Spivak.

lauraspivak@yahoo.com.ar

www.lauraspivak.com.ar

Eu nasci em 1976 na cidade de Mar del Plata, Argentina, onde fiz meus estudos na Escola de Artes Visuais Martín Malharro. Atualmente moro e trabalho em Buenos Aires. Entre os anos 1999 e 2010, eu obtive bolsas de aperfeiçoamento e produção artística do Fundo Nacional das Artes, Fundação Antochas, Secretaria de Cultura da Presidência da Nação e Fundo Metropolitano das Artes. Participei em exposições coletivas e fui selecionada em salões nacionais, alguns deles com prêmios e distinções.

Também trabalhei no Centro Cultural Borges na direção, programação e coordenação de *Contemporáneo CC. Borges* (2004-2007) e fui coordenadora curatorial dos Espaços de Arte, no Centro Cultural de Espanha em Buenos Aires (2008-2010). www.ccborges.org.ar / www.cceba.org.ar.

Exposições individuais.

2010. *El eco de sus risas. (O eco de seus risos)*. Galeria Braga Menéndez. Buenos Aires, Argentina.

2008. *Si me dieran a elegir preferiría ser gigante (Se me dessem a escolher preferiría ser gigante)*. Galeria Braga Menéndez. Buenos Aires, Argentina.

2007. *Enanos de jardín (Ananos de jardim)*. Galeria Appetite. Buenos Aires, Argentina.

2006. *El jardín de las mariposas (O jardim das borboletas)*. Museu da Universidade de Antioquia. Medellín, Colombia. *La fuente de los deseos (A fonte dos desejos)*.

Galeria Agustina del Campo. Buenos Aires, Argentina. *Dijo la doncella con su habitual timidez (Disse a donzela com seu habitual timidez)*. Centro Cultural de Espanha em Buenos Aires, Argentina.

2005. *Dijo la doncella con su habitual timidez (Disse a donzela com seu habitual timidez)*. Espaço Baltar Contemporáneo. Mar del Plata, Argentina. *Y del susto salió corriendo (E do susto saiu correndo)*. Espaço Casa 13, Córdoba, Argentina.

2004. *Y del susto salió corriendo (E do susto saiu correndo)*. Espaço La Tribu. Buenos Aires, Argentina. *Contar el Sur (Contar o Sul)*. Espaço Radio Libertad. Residencia, Argentina. *Y del susto salió corriendo (E do susto saiu correndo)*. 2º Conart, Bienal de Arte Contemporáneo. Cochabamba, Bolivia / Galeria Oxígeno. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia.

2002. *Contar el Sur (Contar o Sul)*. Museu da Gravura. Curitiba, Brasil.

2001. *Contar el Sur (Contar o Sul)*. Espaço Ojo al País, Centro Cultural Borges. Buenos Aires, Argentina.

2000. *Tejiendo dibujos (Tecendo desenhos)*. Centro Cultural Villa Victoria. Mar del Plata, Argentina.

1999. *Tejiendo dibujos (Tecendo desenhos)*. Gráfica Contemporánea. Buenos Aires, Argentina.

Exposições colectivas.

2010. *¿Cómo es tu radio?* Centro Cultural Rojas. Buenos Aires, Argentina.

2009. *Ivan rosado*. Rosario, Argentina.

2007. *Máquinas de tiempo*. Centro Cultural Nordeste. Resistencia, Chaco, Argentina. *Latido terrícola*. Fundación Estudio 13. Gral. Roca, Rio Negro, Argentina.

2006. *Neologismo Encarnado*. Centro Cultural Borges. Buenos Aires, Argentina. *Sobre Textos*. Galeria Isidro Miranda. Buenos Aires, Argentina.

2005. *Traffic*. Centro de Arte Contemporáneo Chateau Carreras. Córdoba, Argentina. *Ego Trip*. Galeria Appetite. Buenos Aires, Argentina.

2004. *Project Hall*. Museo Eduardo Sívori. Buenos Aires, Argentina. *Proyecto cubo*. Centro Cultural Borges. Buenos Aires, Argentina.

2003. *El juguete*. Centro Cultural Borges. Buenos Aires, Argentina. *La extensión del grabado*. Centro Cultural Borges. Buenos Aires, Argentina.

2002. *Pulsar*. Centro Cultural Borges. Buenos Aires, Argentina.

2001. *Vamos por partes*. Centro Cultural Recoleta. Buenos Aires, Argentina.

2000. *Luz Flexible*. Museo de Arte López Claro. Azul, Argentina.

1999. *Luz Flexible*. Museo Nacional de Grabado. Buenos Aires, Argentina / Casa de la Cultura. Gral. Roca, Rio Negro, Argentina.

Concursos e prêmios.

2010. *Salón Nacional de Pintura Banco Nación 2010*. Buenos Aires, Argentina.

2009. *Bienal Nacional de Arte Contemporáneo de Bahía Blanca*, Argentina.

2006. *Premio Platt*. Galeria Isidro Miranda. Buenos Aires, Argentina.

2005. *Tercer premio. Salón Nacionales de Artes Plásticas. Textil*. Palais de Glace. Buenos Aires, Argentina.

2004. *IV Bienal ArteBA de Gráfica*. Buenos Aires, Argentina.

2002. *III Bienal ArteBA de Gráfica*. Buenos Aires, Argentina.

2001. *XLV Salón de Artes Plásticas Manuel Belgrano. Grabado*. Museo Eduardo Sívori. Buenos Aires, Argentina. *Mención. XC Salón Nacional de Artes Plásticas.*

Grabado. Buenos Aires, Argentina. *IV Bienal Nacional de Grabado en Relieve. Pequeño formato. XYLON*. Museo Nacional de Grabado. Buenos Aires, Argentina.

2000. *IV Salón Municipal de Grabado*. Río Gallegos, Argentina. *Primer Mención. XXV Salón Municipal de Artes Plásticas de Avellaneda*. Buenos Aires, Argentina. *XLIV*

Salón de Artes Plásticas Manuel Belgrano. Grabado. Museo Eduardo Sívori. Buenos Aires, Argentina. *LXXXIX Salón Nacional de Artes Plásticas. Grabado*. Palais de Glace. Buenos Aires, Argentina.

1999. *Primer Mención. III Bienal Nacional de Grabado en Pequeño Formato. XYLON*. Museo Nacional de Grabado. Buenos Aires, Argentina. *LXXXVIII Salón Nacional de Artes Plásticas. Grabado*. Buenos Aires, Argentina. *XLIII Salón de Artes Plásticas Manuel Belgrano. Grabado*. Museo Eduardo Sívori Buenos Aires, Argentina. *II Salón Nacional de Salta. Grabado*. Salta, Argentina.

1998. *2ª Bienal Nacional de Arte Joven. Pintura*. C. Cultural Auditorium. Mar del Plata.